

Inovação Temática e Epistemológica: Propostas e Desafios para a Pesquisa em Linguística Aplicada Do Século XXI

**Thematic and epistemological innovation: proposals and challenges for
the research in applied language of the 21st century**

Claudia Kuns Tomaselli*

* Instituto Federal de Santa Catarina, IFSC, Florianópolis - SC, 88020-300, e-mail:
claudia.tomaselli@ifsc.edu.br

Maria Inêz Probst Lucena**

** Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis - SC, 88040-900, e-mail:
lucena.inez@gmail.com

RESUMO: O presente artigo aborda uma reflexão sobre como a Linguística Aplicada tem encaminhado suas pesquisas nos últimos anos e em que tem se debruçado para continuar a sua trajetória e conseguir alcançar e firmar o status que almeja enquanto produtora de conhecimento científico. O texto destaca os aspectos mais relevantes da Linguística Aplicada, principalmente no Brasil, procurando mostrar o que renomados pesquisadores da área têm defendido, em que concordam e discordam, como têm direcionado a questão das inovações temáticas e epistemológicas e como as pesquisas atuais colaboram com os estudos linguísticos em geral. O entendimento desse estudo é de que a Linguística Aplicada no Brasil tem conseguido produzir substancial teoria proveniente de estudos da linguagem enquanto prática social, articulando pesquisas feitas de maneira transdisciplinar e insistindo na importância de voltar o olhar para os problemas localizados nas margens da modernidade recente. Fica claro, nesta observação, que apesar dos incontáveis desafios para essa área de estudo conquistar o espaço merecido entre outras áreas de prestígio, a Linguística Aplicada tem conseguido mostrar que fazer ciência no contexto atual requer olhares dispostos a abandonar crenças inarredáveis nos conhecimentos disciplinares tradicionais, promovendo pesquisas mais alinhadas com os problemas reais que emergem da superdiversidade da modernidade recente.

PALAVRAS-CHAVE: Discursos emergentes; transitoriedade; estudos da linguagem.

ABSTRACT: This paper presents a reflection on how Applied Linguistics has forwarded research in recent years and in which it has worked to continue the trajectory and to achieve and establish the status it aspires as producer of scientific knowledge. The article highlights the most relevant aspects of Applied Linguistics, mainly in Brazil, trying to show what the major names in the area defend, what their concordances and disagreements, how they have addressed the question of thematic and epistemological innovations and how the current searches collaborate with linguistic studies in general. The understanding of this study is that Applied Linguistics in Brazil has produced substantial theory from language studies as a

social practice, articulating transdisciplinary research and insisting on the importance of looking back at the problems located on the margins of the recent modernity. In spite of the countless challenges faced by this area of study in order to conquer the deserved space among other prestigious areas, Applied Linguistics has succeeded in showing that doing science in the current context requires looks that are willing to abandon rooted beliefs in traditional disciplinary knowledge, promoting research more closely aligned with the real problems from the superdiversity in recent modernity.

KEYWORDS: Emerging discourses; transience; language studies.

INTRODUÇÃO

As pesquisas em Linguística Aplicada (doravante LA), preocupadas com ações situadas nos cenários de uso da linguagem, desenvolvidas de forma reflexiva e crítica, investigando problemas específicos, em cenários específicos, vem, ao longo das últimas décadas, contribuindo com discussões sobre problemas ligados tanto a questões de poder e de desigualdade, quanto a questões de ensino e aprendizagem de línguas. Atuando como uma área promissora, desvinculada da falsa ideia de uma área dedicada à aplicação de teorias da Linguística em contextos educacionais, a LA tem produzido substancial teoria, mais preocupada com a sua relevância social do que com a teorização que ela gera (KLEIMAN, 1998).

A área ganhou relevante espaço no Brasil no final da década de 1960, especialmente a partir do trabalho de Maria Antonieta Celani que, em 1971, instituiu o primeiro Programa de Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas na PUC-SP. Poucos anos antes, em 1964, acontecia o primeiro Congresso da Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA), o que evidencia o dinamismo do trabalho de Celani¹ para que, tão logo os estudos da LA conquistassem maiores contornos internacionalmente, estivessem também fazendo parte nesse meio, os estudos realizados em contexto brasileiro (MOITA LOPES, 2013a, p. 15).

E a agenda de pesquisa só cresceu. As pesquisas da LA foram sendo desenvolvidas, principalmente nas duas últimas décadas, em diferentes instituições universitárias brasileiras,

¹ Em julho de 2017, na 18ª edição do Congresso Mundial AILA, sediada no Rio de Janeiro, foi evidenciado o reconhecimento dos estudos e da agenda de pesquisa em LA, na América Latina. No evento a Profa. Maria Antonieta Alba Celani foi homenageada e celebrada como um de seus membros mais atuantes.

tendo por foco suas implicações para a construção identitária de falantes de línguas minoritárias, bem como para a natureza das relações interculturais estabelecidas entre estes e grupos linguisticamente majoritários. Inicialmente, reflexões de pesquisadores brasileiros contidas em publicações da década de 80 e 90 levaram vários linguistas aplicados a atentarem para o fato de que o aspecto plurilíngue e pluricultural do Brasil, no que tange particularmente ao tema linguagem, identidade e interculturalidade, deveria ser foco de investigações. Os pesquisadores passaram a incluir essa questão em suas agendas de pesquisas, e o tema ganhou importância em diferentes programas de pós-graduação. A contribuição e relevância social e política das pesquisas, especialmente das realizadas em contextos indígenas e de descendentes de imigrantes, são apenas alguns dos exemplos que ressaltamos aqui. A inserção dos linguistas aplicados na rede acadêmica internacional, dado o interesse que as pesquisas desenvolvidas no país despertam em universidades/associações estrangeiras, tem sido aclamada e admirada, especialmente por aspectos como diversidade, criatividade e espírito crítico (AILA *Program Overview*, 2017, p. 9).

A LA alcançou, portanto, avanços no país, assumindo o caráter transdisciplinar que é a sua máxima, e embora tal entrelaçamento nem sempre seja tarefa fácil, ela tem conseguido estabelecer diálogos com diferentes áreas de forma mais evidente do que em outros países (MOITA LOPES, 2013a, p.17). Para Kleiman (2013, p.42), “O modo em que a pesquisa em Linguística Aplicada vem se desenvolvendo no Brasil se destaca e diferencia da pesquisa ocidental do hemisfério Norte, onde o próprio paradigma crítico é questionado e rejeitado por linguistas aplicados de renome [...]”. Kleiman (2013, p.42) defende que a LA do Brasil tem se destacado em relação ao modo como conversa entre as áreas:

[...] diálogos muito frutíferos vêm se desenvolvendo entre a Linguística Aplicada e outras ciências sociais e humanas, [...] perseguindo respostas para as investigações que se ocupam de questões em que a linguagem tem um papel constitutivo nos saberes, nas configurações identitárias e nas relações – feministas, étnico-raciais, sociais – que formam, conformam, deformam, informam, transformam as realidades que construímos.

Como Celani (1998) já postulava há quase duas décadas, ao assumir uma postura transdisciplinar, como parece ser o caso da LA, buscamos a mudança e lidamos com o incerto, pois a mudança exige alterar o que somos e como interagimos com o meio em que vivemos. Assim, a mudança parte de nós mesmos, não chega pronta. Mudar provoca

inquietações, pois com o novo vem o risco. Mas a autora alerta que essa incerteza não representa algo negativo, é uma “incerteza alerta, ativa e participativa, perquiridora” (CELANI, 1998, p.125).

O dado mais importante que evidencia o desenvolvimento da LA no Brasil é o avanço de pesquisas ao longo dos últimos anos, fruto da expansão de programas de pós-graduação em Linguística Aplicada. Enquanto a PUC-SP reinou sozinha por mais de uma década, após os anos 90 esse panorama teve uma mudança significativa, com o surgimento de programas de pós-graduação em LA em diversas universidades, além de programas com áreas de concentração ou linhas de pesquisa em LA em várias outras². Além disso, o Brasil tem hoje uma sólida associação de LA, a ALAB, e em 2017 sediou o Congresso Mundial de Linguística Aplicada, promovido pela Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA), como já lembrado aqui.

Tendo em vista a trajetória da LA no Brasil, este artigo tem como objetivo refletir sobre o que os pesquisadores desse campo de estudo têm defendido atualmente. Com base numa revisão bibliográfica envolvendo os principais nomes da LA na modernidade recente (Moita Lopes, 2013), pretendemos discutir teoricamente para onde as pesquisas têm apontado, em que convergem ou divergem, se já é possível afirmar que a LA tem conseguido transcender os aspectos epistemológicos tradicionais da academia e o que as pesquisas na área representam para os estudos da linguagem no país.

Para isso, esta discussão está estruturada em três partes. A primeira aborda uma das principais características da LA, a transdisciplinaridade, apontada como um dos pontos fortes desse campo de estudo no Brasil, mas que é ainda entendida como um grande desafio. A segunda sinaliza a relevância da globalização para os estudos da LA, o que faz com que as pesquisas transitem de forma versátil, no intuito de acompanhar as práticas discursivas dos contextos híbridos em que vivemos. A terceira parte aborda o caráter crítico, prático e transgressivo da LA, e o que isso representa para o modo de fazer pesquisa na área.

2Programas de Pós-Graduação em LA no Brasil: PUC-SP, UECE, UFRJ, UnB, UNICAMP, UNISINOS, UNITAU. Programas de pós-graduação com áreas de concentração ou linhas de pesquisa em LA no Brasil: UCPEL, UEL, UFAL, UFAM, UFC, UFES, UFLA, UFMG, UFOP, UFPB, UFSC, UFRGN, UFRGS, UFT, UFU, UFV, UNESP.

O CARÁTER TRANSDISCIPLINAR DA LINGUÍSTICA APLICADA

A discussão sobre a língua envolve questões muito complexas para as diferentes sociedades e que vai muito além de temas unicamente ligados à linguagem propriamente dita; dentre outros, estão temas como territórios, fronteiras, identidades, nações e poder, fortemente relacionados entre si e que suscitam vários estudos pelo mundo. Tais estudos envolvem investigações de problemas ligados à linguagem na vida real das pessoas, levando em conta aspectos mais centrados nos processos que na linguagem em si e desenvolvidos em consonância com outras áreas de estudos. Trabalhos desenvolvidos a partir da LA, ao longo de mais de meio século, mostram a importância da reflexão sobre os usos das línguas, considerando o que acontece com a linguagem como prática social. Assim, são objetos de estudo da LA temas como letramento, avaliação do processo de ensino e aprendizagem de línguas, questões de bilinguismo, globalização, identidade, superdiversidade e como a linguagem se relaciona com tudo isso.

De acordo com Moita Lopes (2006, p. 90), é essencial para a LA descrever a vida social e entendê-la do modo como ela se apresenta, sendo essa atitude imprescindível para situar o trabalho do linguista aplicado no mundo, “em vez de ser tragado por ele ao produzir conhecimento que não responda às questões contemporâneas em um mundo que não entende ou que vê como separado de si como pesquisador: a separação entre teoria e prática é o nó da questão”. Para o autor, a LA deve explodir os “limites entre teoria e prática” (MOITA LOPES, 2006, p.100), afastando-se da ciência moderna tradicional, que evita “contaminar-se” pelo senso comum de quem vive a vida social, em função de se alcançar a objetividade e neutralidade.

Assim, ao longo de sua história recente, a LA tem conseguido mostrar que seu objeto de estudo, a linguagem como prática social, deve ser percebido de maneira crítica, nunca desvinculado de outros domínios do saber que auxiliam no entendimento dos fenômenos linguísticos. Mais que isso, a LA apresenta-se de maneira a superar a ideia de ser multi/pluri/interdisciplinar, pois se apresenta como uma área que vai além da colaboração de disciplinas plurais, em um contexto de integração (CELANI, 1998). Busca, portanto, mostrar o seu caráter transdisciplinar, tentando “destacar nessa colaboração de disciplinas um fio condutor e até mesmo uma filosofia epistemológica, a ‘filosofia’ da descoberta”

(CELANI,1998, p.117). Esta transdisciplinaridade exige lidar com um amplo leque de saberes, como os da psicologia, da antropologia, da sociologia e de outras ciências sociais, numa parceria permanente com pesquisadores dessas áreas, em novas organizações, concepções, parcerias e compreensões, num exercício constante de trocas e cooperação.

LINGUÍSTICA APLICADA: TRANSITORIEDADE EM CONTEXTOS DE GLOBALIZAÇÃO

Além da transdisciplinaridade da LA, outras características importantes são facilmente destacáveis em suas práticas de pesquisa, como é o fato de encarar o seu objeto de estudo, a língua, a partir de seu caráter prático e performático, afastando a ideia de seu conceito tradicional, que a entende simplesmente como norma e materialidade. Para Rajagopalan (2003), tradicionalmente a língua é conceituada como um sistema autossuficiente, fechado em si mesmo. “O que torna o conceito clássico da língua cada vez mais difícil de sustentar é que ele abriga não só a ideia de autossuficiência, mas também faz vistas grossas às heterogeneidades que marcam todas as comunidades de fala” (RAJAGOPALAN, 2003, p.26). O autor entende que “a língua é abordada como ela poderia ser num mundo ideal e paradisíaco, e não como ela de fato é em nosso mundo vivido” (RAJAGOPALAN, 2003, p.27). No entanto, há uma década ele já percebia uma mudança se desenhando sobre os estudos da linguagem e sustentava que ela “[...]está[va] se firmando ao cabo de uma percepção de que a linguagem funciona como algo mais que um simples espelho da mente humana” (RAJAGOPALAN, 2003, p.125). A linguagem começava, aos poucos, a ser encarada como atividade, ação que envolve sujeitos que têm história, que agem e interagem e que atuam em diferentes espaços e tempos situados. Nesse sentido, para Signorini (2006, p.183),

[...] a língua focalizada no campo aplicado é [...] aquela em que o falante investe social, cultural, política, emocionalmente. É a língua mantida sob controle social, marcada por bordas e fronteiras, por desigualdades significativas de repertórios e de possibilidades de acesso, mas também por agenciamentos, desterritorializações, torções, contaminações e mixagens de todo tipo.

Com tal visão de língua(gem), envolver-se com a LA, passa a requerer do pesquisador uma postura reflexiva, crítica e politizada. Nessa perspectiva, as práticas de linguagem não podem ser separadas de seus contextos de atuação e, conseqüentemente, a pesquisa deve também ser contextualizada, buscando compreender a complexidade social inerente às práticas de linguagem que não são estáticas. A LA está voltada para práticas sociais e busca compreender os novos tempos, abrindo espaços para modos alternativos de ver o mundo e ouvindo diferentes vozes que contribuam para revigorar a vida social ou ver como outras histórias a compreendem.

Essa é a postura assumida pela LA, que não entende que seus rumos de pesquisa sejam estáveis e duradouros, ao contrário, estão sempre a transitar de forma versátil. Moita Lopes (2006, p.14) destaca a impossibilidade da uniformização das escolhas teórico-metodológicas da área. Há, sim, tendências de como entender a LA, que indicam escolhas, mas que certamente não são as únicas e que nem sempre agradam a todos os pares. Nesse sentido de transitoriedade, a LA representa a busca pela produção de conhecimentos relacionados a questões linguísticas, que não se desvinculam do mundo globalizado, mas que também não se afastam do local em que estão inseridas, das questões sociais envolvidas, das pessoas que participam dessa realidade. Assim, muitas vezes, temos contextos de pesquisa em que “o global está em conjunção com o local, e o local é modificado para acomodar o global” (KUMARAVADIVELU, 2006, p.134).

À LA é imprescindível abarcar as questões linguísticas emergentes que ocorrem nessas situações cada vez mais frequentes no mundo. Contextos em que distâncias, tempo e fronteiras diminuem, alargando contatos e promovendo interações, misturas e trocas sociais. A globalização tem proporcionado a uma grande parcela das sociedades contatos com culturas diversas e tem gerado novas estruturas sociais, compostas hoje pela diversidade de identidades. Identidades essas que são múltiplas e não mais fixas, prontas e acabadas. O fluxo de pessoas pelo mundo e as ondas migratórias fazem emergir novas configurações de comunidades, de cultura e de língua.

Além disso, temos hoje a possibilidade de nos ligarmos a pessoas de quase todas as partes do mundo pela internet, causando uma revolução na forma de nos relacionarmos com ‘o outro’, antes tão distante e tão estrangeiro. É importante destacar que o acesso à rede não ocorre em todas as partes de igual modo, mas a presença da internet tem crescido e é realidade

em muitos contextos. Desse modo, pelas novas relações, trocas e misturas culturais surgem também novas formas de lidar com a heterogeneidade. Não há mais como ignorar a diversidade, ou de maneira mais abrangente, a superdiversidade³ (VERTOVEC, 2007). Em relação à essa nova configuração de sociedade, Moita Lopes (2013b, p. 103) entende que, além das migrações, ela é promovida “[...] também pelos avanços recentes das tecnologias digitais, o que tende a ser ampliado, em consequência das relações globais e locais. Na esteira da globalização, esses processos têm efeitos linguístico-discursivos locais em nossas vidas sociais, que precisamos avaliar”.

Quando essas questões são abordadas, percebe-se a incompletude do conceito de língua que a toma como autossuficiente, sem considerar os sujeitos e os contextos sociais, que a associa “[...]a uma linguística modernista e seu ideal de uma língua pura[...]. Esse sentido de pureza linguística foi e é usado para sedimentar desigualdades sociais de classe social, gênero, raciais etc.” (MOITA LOPES, 2013b, p. 103). Desse modo, já não há mais sentido pensar a língua como representação de estado-nação, pois o que temos hoje são fronteiras porosas. O autor cita Mignolo (2000) que propõe modos de produção do conhecimento que se afastam da epistemologia constituída em uma língua nacional, buscando uma episteme das margens, um pensamento nas margens, ou pensamento liminar (MOITA LOPES, 2008, p.323). Para Moita Lopes é crucial para a LA pensar a inovação temática e epistemológica. Evidentemente, o trânsito epistemológico, o mover-se para outra lógica, gera certo desconforto por seu caráter híbrido, pela contaminação que assusta aos que aderem às noções essencialistas, mas, como ressalta o autor, é o que possibilita pensar diferente e tematizar o que geralmente não se tematiza (informação verbal)⁴. Mignolo (2003, p.301) relaciona a ideia do dissolvimento das fronteiras nacionais à necessidade de quebrar as fronteiras das disciplinas, o que converge com a ideia da transdisciplinaridade e o que poderia levar à inovação da pesquisa, de que fala Moita Lopes.

³ Para Vertovec, o termo Superdiversidade se refere aos vários efeitos mutualmente condicionantes adicionados à etnicidade e que geralmente não são considerados na ciência social. Segundo o autor, a pesquisa precisa ir além dos estudos que abordam somente a mobilidade sócio-econômica, a segregação, com base na classificação étnica somente. É preciso também considerar as outras variáveis como as que foram elencadas acima (idade, gênero, educação, profissão e localidade onde vivem), dentre outras.

⁴ Paráfrase da fala de Luiz Paulo da Moita Lopes, no II Ciclo de Diálogos em Linguística Aplicada - Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bWFAkLwTMM8>. Acesso em 05 jun. 2017.

Os desafios às pesquisas linguísticas e literária representados pelos processos linguísticos transnacionais e transimperiais são epistemológica e pedagogicamente graves, pois influenciam a própria concepção das humanidades como sede da pesquisa e do ensino. [...] O embaçamento das fronteiras nacionais exige também repensar, senão demolir, as fronteiras disciplinares (MIGNOLO, 2003, p.301).

Não há como separar essas questões culturais das questões de estudo da linguagem. As novas relações entre as culturas fazem surgir também novas formas de pensar as línguas, ou linguagens. Estudos que se davam a partir de linguagens de comunidades dentro de uma relativa homogeneidade ou fixidez, hoje devem ser encarados de forma a pensar a diversidade, ou melhor, essa superdiversidade que intensifica a relevância de ideias, como de mobilidade e de mistura, e que promove dinâmicas políticas e históricas (BLOMMAERT; RAMPTON, 2011, p.3). Os estudos da linguagem, nesses novos contextos da globalização, têm papel muito importante para as reconfigurações das sociedades. A linguagem atua em domínios muito variados, em contextos de grandes centros, mas também em regiões de fronteiras, como é o caso de comunidades brasileiras que vivem o plurilinguajar pela proximidade a pessoas de outras tantas culturas e línguas, e está ligada a questões como educação, imigração, cultura popular e de elite (BLOMMAERT; RAMPTON, 2011). São variadas as pesquisas nesses cenários que apontam para uma mudança na configuração de muitos espaços linguísticos e culturais.

No entanto, como mostra o estudo envolvendo identidades em trânsito de Bortolini, Garcez e Schlatter, ao investigarem uma comunidade de cidadãos uruguaios, falantes de português e de espanhol, que foram levados a pensar em suas identidades enquanto falantes, a LA ainda tem muito trabalho pela frente quando se trata de discussão das práticas de linguagem na fronteira. Essa autoavaliação promovida no estudo demonstrou a velha máxima de que a língua tem fronteira e deve ser marcada, negando a transitoriedade tão comum para eles em seus contextos reais. Para Bortolini, Garcez e Schlatter (2013, p. 272) esses cidadãos, mesmo tendo consciência de suas identidades em trânsito, “lançam mão de parâmetros de (auto)avaliação herdados que privilegiavam e continuam valorizando o *éthos* da fronteira com critérios claros quanto ao que/a quem é de cá e o que/a quem é de lá”. Assim, é seminal para a LA tratar de questões relacionadas à globalização e à superdiversidade, tendo em vista que a constituição heterogênea de estilos e registros construídos ideologicamente ganham espaço e se apresentam pela linguagem. A partir das discussões, os discursos vigentes de

valorização de línguas puras e excludentes podem ser ultrapassados e, quem sabe, daqui a alguns anos, possamos ter superado situações como a descrita acima e estar mais alinhados com a ideia de reconhecimento e valorização de diferentes repertórios linguísticos que transitam na sociedade (BORTOLINI; GARCEZ; SCHLATTER, 2013).

LINGUÍSTICA APLICADA: INOVAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS A PARTIR DE UMA CIÊNCIA CRÍTICA, POLÍTICA E TRANSGRESSIVA

Já discutimos o caráter versátil da LA contemporânea, mas é interessante destacar o seu DNA transgressivo, crítico e político. Pennycook (2006) fala de uma Linguística Aplicada Crítica (LAC), por introduzir em seus estudos questões como sexualidade, identidade, desigualdade, etc. O autor explica: “Em vez de ver a LAC como uma nova forma de conhecimento interdisciplinar, prefiro compreendê-la como uma forma de antidiplina ou conhecimento transgressivo, como um modo de pensar e fazer sempre problematizador” (PENNYCOOK, 2006, p. 67).

Para Rajagopalan, a LA é crítica, pois rompe com a ideia tradicional de teoria/prática, que pressupõe a existência de uma definição antes de qualquer coisa. “A procura de definições como pré-condição para desencadear qualquer tipo de explicação posterior é típico da tradição racionalista que também prega que a prática tem que suceder a teoria, jamais podendo ser conduzida de forma paralela ou independente” (RAJAGOPALAN, 2003, p.80). Moita Lopes defende com rigor essa ideia de rompimento com o tradicional e questiona o fato de ainda haver uma infinidade de pesquisas tentando teorizar a prática relacionada aos discursos emergentes. Para o autor, a prática teoriza-se a si mesma nos discursos emergentes, não havendo teorização anterior para lidar com esses discursos (informação verbal)⁵.

Tal ótica converge ainda com a ideia de performatividade de que trata Pennycook (2004): “A noção de performatividade, defendo, abre novas formas de pensar sobre linguagem, identidade e mudança e apresenta uma agenda potencial e interessante para a

5 Paráfrase da fala de Luiz Paulo da Moita Lopes, no II Ciclo de Diálogos em Linguística Aplicada - Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bWFAkLwTMM8>. Acesso em 05 de junho de 2017.

pesquisa em estudos da linguagem” (PENNICOOK, 2004, p.02)⁶. Para o autor, é necessário desinventar a noção de língua para poder reconstruí-la. Não há como sustentar a ideia de língua como sistema arbitrário e linear. É preciso confrontar essa ideia e reforçar a pesquisa em torno da língua como desempenho, pois ela é performática e, quando é encarada dessa forma, a crença linguística de sistema pode ser questionada. As línguas são mais que entidades preestabelecidas e anteriores às performances linguísticas; elas estão ligadas a questões de identidade de gênero ou étnicas. São, na verdade, o resultado de atos de identidade muitas vezes repetidos (PENNYCOOK, 2004). Nesse sentido, Moita Lopes (2013) acentua a importância de estudar as práticas discursivas transidiomáticas para entender quais são as ideologias linguísticas desempenhadas. Performances identitárias atuam nesses discursos, em contextos de fluxos intensos, de pessoas e línguas, e de suas possibilidades e ambivalências. Moita Lopes (2013, p.111) destaca ainda a relevância das

[...] teorizações informadas por pesquisas etnográficas sobre os usos internacionais situados da linguagem, que dão conta de como a vida social é levada a efeito nas práticas locais onde o significado é gerado no aqui e no agora, por meio de *performances* identitárias contingentes e de reflexividade metapragmática sobre as práticas de uso da linguagem.

No entanto, essa não é uma tarefa simples. A inovação epistemológica precisa, segundo Kleiman (2013, p.445) vencer “[...] as barreiras epistêmicas das tradicionais universidades de nossos países, que não lidam muito bem com a diversidade, a mudança e a renovação epistemológica e, portanto, não abrem espaço para novos paradigmas e sistemas de conhecimentos produzidos dentro ou fora da academia”. A preocupação da autora fundamenta-se no conservadorismo da academia, no entanto, como Moita Lopes (2006, p. 25) já afirmava há uma década, baseado em sua avaliação do percurso das ciências sociais, os cenários de pesquisa têm sentido as mudanças epistemológicas de forma marcante. As pesquisas em ciências sociais, decorrentes de contextos essencialmente positivistas, atualmente apresentam uma grande variedade de pesquisas interpretativistas (MOITA LOPES, 1994) e de maneiras de produzir conhecimento ligados à vida social, contestando as

6 Tradução do original em inglês: “The notion of performativity, I argue, opens up new ways of thinking about language, identity and change, and presents an interesting potential agenda for research in language studies (PENNICOOK, 2004, p.02)

formas tradicionais de conhecimento. Assim, é interessante lembrar que a ideia da inovação epistemológica não se configura como algo recente. Autores como Pennycook e Signorini, para citar aqui como exemplos, já abordavam o fato de a LA romper com o modo de fazer ciência da tradição científica moderna há quase vinte anos (PENNYCOOK, 1998; SIGNORINI, 1998). Signorini, à época, destacava que

[...] os percursos investigatórios que se têm produzido na área, mesmo quando comprometidos com valores e sentidos já dados, que os mantêm nas trilhas do esperado e do já sabido, tendem a operar deslocamentos e rupturas que escapam a uma demonstração pura e simples do poder explicativo (ou operatório) de dado aparelho conceitual, mesmo (e sobretudo) quando se propõe a fazê-lo (SIGNORINI, 1998, p.91).

Ademais, mesmo destacando a dificuldade da aceitação da inovação epistemológica nos meios mais tradicionais, Kleiman fala de trabalhos realizados por ela e outros pesquisadores, em um programa de pesquisa que envolvia diversos projetos, em seis universidades⁷, que fez parte de uma “virada epistemológica para o Sul” (KLEIMAN, 2013). Essas pesquisas, feitas na posição de fronteira, trazem “temas atraentes para linguistas aplicados que querem olhar, com olhos do Sul, para o Sul [...]” (KLEIMAN, 2013, p.50), possibilitando a abertura de cenários de estudos linguísticos para países que, geralmente, ficam apagados frente aos realizados no hemisfério Norte. No entanto, cautelosa, ela destaca os encaminhamentos a serem tomados após a realização das pesquisas: “[...] o que fazer com os conhecimentos produzidos nas pesquisas dessa agenda de fronteira, que define seus próprios problemas independentemente do que é considerado prestigioso na pesquisa ocidental, como, por exemplo, a fragmentação do sujeito, a hibridização cultural, entre outros?” (KLEIMAN, 2013, p.55).

Essa é uma discussão importante, mas que, às vezes, parece invisível para a academia. Parece que, terminado o que havia de ser investigado, finda também o problema. No entanto, muitos pesquisadores, além atuarem em suas pesquisas, buscam formas de aplicar seus resultados, pois a pesquisa em si não impacta de forma efetiva para a resolução dos

⁷ Programa de pesquisa e ação desenvolvido na América Latina que envolve questões relacionadas a grupos sociais que estão em posições periféricas no continente, às margens dos centros de produção do conhecimento. Especificamente em relação ao trabalho desenvolvido por Kleiman, o projeto lida com letramento do professor e é intitulado *Formação do professor: atividades de retextualização e práticas de letramento* (KLEIMAN, 2013).

problemas. Assim, muitos “prestam serviços de assessoria ou consultoria e organizam extensões, de maneira individual ou em coletivos, a entidades da sociedade civil ou a órgãos estatais (secretarias, ministérios, empresas – inclusive escolas/universidades privadas -, ONGs etc.)” (ROJO, 2013, p.69). A autora cita ainda o envolvimento de linguistas aplicados em políticas públicas ligadas a órgãos estatais, como a CAPES, CNPq, associações como a ALAB, ministério e secretarias, buscando transformações mais efetivas em relação às privações sofridas no Brasil (ROJO, 2013).

Essas questões mostram o quanto a LA é também política. Não queremos entrar aqui numa discussão conceitual do que a política representa, mas não há como separar as pesquisas na área de questões políticas, visto que as investigações da LA estão atentas a problemas sociais que se misturam com questões linguísticas, convergindo para que haja o enfrentamento de poderes hegemônicos e de opressão. A linguagem representa uma importante forma de intervenção política, pois, a partir dela, contínuas lutas são disputadas e diferentes comunidades podem denunciar injustiças sociais enfrentadas ao longo de suas histórias (RAJAGOPALAN, 2003).

Em consonância com Kleiman (2013), Moita Lopes (2006) propõe tópicos de pesquisa indisciplinados e transgressores, que apresentam um sujeito de pesquisa que extrapola a ideia de sujeito caracterizado de forma homogênea. A LA do mundo pós-moderno representa, assim, a busca por questões linguísticas, mas que não se afastam do local em que estão inseridas, das questões sociais imbricadas no processo, das pessoas que participam dessa realidade. Ela é, portanto, transgressiva, politizada e social, diferentemente da linguística teórica, que não se aproxima de “problemas mundanos” (RAJAGOPALAN, 2006, p.165).

É evidente que essa é uma empreitada difícil. A conexão dos conhecimentos disciplinares da universidade com os que são gerados fora dela é complexa. Os conhecimentos da ciência positivista, validada e tida como verdadeira, estarão colocados como contrapontos às epistemologias de fronteira, que são vistas, em alguns espaços acadêmicos, como componentes extravagantes. No entanto, essa conexão compensa o esforço, por ampliar ainda mais os contatos com pesquisadores sul-americanos (KLEIMAN, 2013). Como Moita Lopes, Kleiman também aponta para a construção de conhecimentos que abarquem os discursos emergentes dos sujeitos de nossa realidade sócio-histórica e que só

podem ser construídos a partir de uma visão política, crítica e transgressiva, que ultrapassa os limites do fazer ciência disciplinarmente e contempla a participação social e os saberes produzidos nas periferias e fronteiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos apontar os principais caminhos que a LA tem buscado trilhar nas últimas décadas, ampliando suas pesquisas via caminhos da transdisciplinaridade e sua ciência mestiça e impura, da ciência feita de maneira crítica, política e performática, e da inovação temática e epistemológica. É evidente, no entanto, que nós, pesquisadoras da área, entendemos que ainda há muito a ser explorado, desenvolvido e aperfeiçoado nos estudos realizados em nosso país.

A ideia da inovação temática e epistemológica parece ser comum e bem consolidada entre os linguistas aplicados, uma vez que o discurso sobre a LA crítica, transgressiva, transdisciplinar e sobre a importância de ouvir os discursos emergentes é frequente nos textos relacionados à área. Podemos dizer, ainda, que um dos principais objetivos dos linguistas aplicados, hoje, é trabalhar em função da desconstrução dos discursos hegemônicos. A LA procura apontar caminhos para uma epistemologia que entende as distinções entre os centros e as periferias e, para isso, coloca-se nas margens. O campo de estudo tem atuado de modo a transgredir a ideia de pureza na ciência positivista e na visão de linguagem modernista, concepções que contribuem para a segregação dos que vivem às margens e reforçam os discursos dominantes, perpetuando relações de poder injustas e preservando desigualdades em seus cenários marcados. Assim, para a LA atual, pensar a língua além dos centros é perceber os discursos emergentes, é desejar a reinvenção da vida social, é lutar para trazer à tona aquilo que a modernidade insiste em recusar.

No contexto atual, percebemos que a LA tem conseguido romper, mesmo que timidamente, com algumas construções tão caras à ciência moderna, como a manutenção dos campos bem delimitados do saber. Como apresentado, linguistas aplicados têm conseguido escalar algumas barreiras (não as derrubar), destacando-se ao realizar pesquisas de forma transdisciplinar, superando a realidade de países do Norte. Pesquisas em colaboração com

áreas diversas já são comuns e sinalizam a mudança para uma ciência em que não cabe mais a percepção do mundo de modo reduzido. Vivemos em sociedades complexas, palcos em que se desenvolvem problemas complexos e que, portanto, não se resolvem mais de forma compartimentada e disciplinar.

Por fim, destacamos que a LA tem buscado realizar um trabalho de compreensão e redefinição da vida social, a partir de situações reais que envolvem a linguagem. As pesquisas favorecem uma nova forma de entender as questões da linguagem, que vão além de questões formais. A LA faz, hoje, a pesquisa que se relaciona aos nossos tempos e aponta e denuncia, com propriedade, os desafios vividos e as possibilidades de resistência a partir de alternativas pedagógicas críticas no ensino de línguas, conforme mostraram muitas das discussões apresentadas no AILA, em 2017. A emergência da crítica aos discursos de ódio e narrativas que buscam formatar a vida social presente na fala de Moita Lopes na abertura do evento, assim como o foco colocado nas minorias e na problematização da ideologia monolíngue, imperante no Brasil, mostram que a LA aponta mais e mais para estudos transgressivos e inquietantes, sempre tão comprometidos com a injustiça social.

Isso nem sempre é bem compreendido, mas o empenho de quem tem se dedicado à tarefa ganha a cada dia mais espaço, pois não há como continuar ignorando os problemas reais da superdiversidade na modernidade recente.

REFERÊNCIAS

- AILA - CONGRESSO MUNDIAL DE LINGUÍSTICA APLICADA: inovações e desafios epistemológicos na linguística aplicada, 18, Rio de Janeiro. *Program overview*. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: http://www.aila2017.com.br/images/PROGRAMA_FINAL_v2_200917-min.pdf. Acesso em: 10 set. 2017.
- BLOMMAERT, J.; RAMPTON, B. Language and Superdiversity. *Diversities*, Vol. 13, nº 2, p.1-21, 2011. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002147/214772e.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2016.
- BORTOLINI, L.; GARCEZ, P.; SCHLATTER, M. Práticas linguísticas e identidades em trânsito: espanhol e português em um cotidiano comunitário escolar uruguaio na fronteira com o Brasil. IN: MOITA LOPES, L.P (Org.). *Português no século XXI: ideologias linguísticas*. São Paulo: Parábola, 2013.
- CELANI, M. A. A. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. In: CAVALCANTI, M.C; SIGNORINI, I. *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade*.

- Campinas: Mercado das Letras, 1998.
- KLEIMANN, A. B. O estatuto disciplinar da Linguística Aplicada: o traçado de um percurso, um rumo para o debate. IN: CAVALCANTI, M.C; SIGNORINI, I. *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.
- _____. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações. IN: MOITA LOPES, L.P (Org.). *Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift* para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013.
- KUMARAVADIVELU, B. A linguística aplicada na era da globalização. IN: MOITA LOPES, L.P (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.
- MIGNOLO, W. *Local Histories/Global Designs*. Coloniality, Subaltern Knowledges and Border-Thinking. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- _____. *Histórias locais/Projetos globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- MOITA LOPES, L.P. Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução, *DELTA*, vol.10, n.2, p.329-338, 1994.
- _____. Uma Linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. IN: MOITA LOPES, L.P (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.
- _____. Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: ideologia linguística para tempos híbridos. *DELTA*, vol. 24, n. 2, p.309-340, 2008.
- _____(Org.). *Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift* para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013a.
- _____(Org.). *O português no século XXI: Cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola, 2013b.
- PENNYCOOK, A. Performativity and Language Studies. *Critical Inquiry in Language Studies: An International Journal*, vol.1, n.1, p.1-19, 2004.
- _____. Uma linguística Aplicada transgressiva. IN: MOITA LOPES, L.P (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.
- RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: Linguagem, Identidade e a Questão Ética*. São Paulo: Parábola, 2003.
- _____. Repensar o papel da linguística aplicada. IN: MOITA LOPES, L.P (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.
- ROJO, R. Caminhos para a LA: política linguística, política e globalização. IN: NICOLAIDES, C.; et al. (Org.). *Política e políticas linguísticas*. Campinas: Pontes, 2013.
- SIGNORINI, I. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em linguística aplicada. IN: SIGNORINI, I. e M. C. CAVALCANTI (orgs.) *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: Questões e Perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- _____. A questão da língua legítima na sociedade democrática: um desafio para a linguística aplicada contemporânea. IN: MOITA LOPES, L.P (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.
- VERTOVEC, S. Superdiversity and its implications. *Ethnic and Racial Studies*, vol.30, n.6, p.1024-1054, 2007.

Data de recebimento: 01/10/2017
 Data de aprovação: 27/12/2017